Milhares de achados nas mãos dos arqueólogos

04-Nov-2008

Tutela sem museus 'obriga' tÃ©cnicos a armazenar peÃ§as histÃ³ricas, algumas valiosÃ-ssimas

"Os achados continuam "escondidos" e o pÃºblico a nÃ£o poder usufruir deles. Podia, se o MinistÃ©rio da Cultura tivesse em Viseu espaÃ§os capazes. Como nÃ£o tem, resta esperar pelo museu da histÃ³ria da cidade, em estudo.

"Onde param os achados arqueolÃ³gicos encontrados em Viseu?". A curiosidade, travestida em pergunta, Ã© de Fernando Ruas, presidente da autarquia, que quer construir o museu de histÃ³ria da cidade e ter lÃ¡ as peÃ§as mais emblemÃ¡ticas. O projecto do futuro espaÃ§o museolÃ³gico, estÃ¡ a ser estudado por uma 'comissÃ£o de sÃ¡bios', nomeada pela cÃ¢mara.

A curiosidade de Ruas, porÃ©m, parece ter resposta. Milhares desses objectos, estÃ£o nos armazÃ©ns da Arqueohoje, em Viseu, a empresa que na Ãºltima dÃ©cada fez o acompanhamento arqueolÃ³gico da esmagadora maioria das obras realizadas no centro histÃ³rico da cidade.

E estÃ¡ tudo armazenado, porque a tutela nÃ£o tem espaÃ§os prÃ³prios disponÃ-veis para acolher o que quer que seja, em museus ou em edifÃ-cios propriedade do MinistÃ©rio da Cultura.

"O que a lei diz Ã© que os achados devem ser depositados no museu mais prÃ³ximo, ou, na falta dele, nas instalaÃ§Ãµes locais do Instituto de GestÃ£o do PatrimÃ³nio ArquitectÃ³nico e ArqueolÃ³gico (Igespar). Ora, como nÃ£o hÃ¡ nenhum museu prÃ³ximo com capacidade para acolher aquele material, e como o espaÃ§o do Igespar Ã© manifestamente diminuto, a alternativa foi levar tudo para os nossos armazÃ©ns. EstÃ¡ lÃ¡ tudo em caixas, ensacado e inventariado", explica Pedro Sobral, da Arqueohoje, sem deixar de lamentar a situaÃ§Ã£o. "Se estivessem expostas, o pÃºblico podia usufruir delas. E compreendia atÃ© melhor o trabalho dos arqueÃ³logos, muitas vezes criticado e espezinhado", sublinha.

Fonte do MinistÃ©rio da Cultura, ouvida ontem pelo JN, lembra que o caso de Viseu nÃ£o Ã© Ãºnico, e que a falta de espaÃ§os "vai sendo suprida Ã medida que a rede de museus Ã© alargada".

Fernando Ruas nÃ£o contesta a existÃªncia do manancial em poder dos arqueÃ³logos: "nÃ£o Ã© sÃ³ a Arqueohoje, antes dela houve muita escavaÃ§Ã£o feita por outros arqueÃ³logos. Ã‰ preciso saber tambÃ©m onde pÃ¡ra esse material".

Depois, "importa ainda saber de quem Ã© a titularidade das peÃ§as encontradas, se sÃ£o do Estado ou da Autarquia". O edil considera que, tendo sido encontradas no espaÃ§o territorial do seu municÃ-pio, "faz todo o sentido que sejam propriedade da autarquia. Mas vamos apurar

isso bem".

Ao todo, a Arqueohoje jÃ¡ terÃ¡ sido responsÃ¡vel por mais de centena e meia de trabalhos de acompanhamento arqueolÃ³gico. A maioria das intervenÃ§Ãµes, em espaÃ§os privados (casas, edifÃ-cios apalaÃ§ados ou terrenos devolutos).

A preponderÃ¢ncia da imensidÃ£o de objectos encontrados (mais de 200 mil), sÃ£o fragmentos de cerÃ¢mica (vulgo cacos), guardados em caixas empilhadas umas sobre as outras.

Mas Ã mistura, as escavaÃ§Ãµes tÃªm revelado descobertas valiosÃ-ssimas. As Ãºltimas, feitas no topo da CalÃ§ada de Viriato, junto Ã Casa do Adro, onde decorrem as obras do funicular, trouxeram Ã luz achados importantes, em especial os da Idade do Ferro, que os arqueÃ³logos estÃ£o a estudar.

Pedro Sobral, volta a lembrar a lei: "sempre que queiram proceder ao seu estudo, os arqueÃ³logos podem ter as peÃ§as em seu poder durante cinco anos".Â "

texto de Teresa Cardoso in Jornal de Noticias (28-10-2008)